







GRAPHICAL ABSTRACT**Abstract of the steps for making clay pots until commercialization****CONFEÇÃO DE PANELAS DE BARRO EM GOIABEIRAS NO
ESPÍRITO SANTO: PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO****MANUFACTURE OF CLAY POTTS IN GOIABEIRAS IN ESPÍRITO
SANTO: BRAZILIAN INTANGIBLE HERITAGE**

Fabiana Souza Pantaleão,^{1*}  Elvis Pantaleão Ferreira,¹  Simone Zamprogno Scalzer,² 
Elton Pantaleão Ferreira,³  Marcelo Monteiro dos Santos,¹  Michelle Delunardo Nobre¹ 

¹ Instituto Federal do Espírito Santo – IFES.

² Secretaria de Estado de Educação, SEDU – ES.

³ Centro Universitário Internacional – UNINTER.

* Artigo extraído do Trabalho Final de Conclusão de Curso, apresentado a Pós-graduação em Análise e Gestão Ambiental do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes campus Santa Teresa. Autor de correspondência, e-mail: fabianasp@ifes.edu.br.

Artigo submetido em 03/06/2024, aceito em 05/09/2024 e publicado em 20/09/2024.

Resumo: As panelerias de Goiabeiras são legítimas representantes do acervo de conhecimento de uma tradição artesanal de confecção de panelas de barro, uma herança da ancestralidade de povos indígenas que habitavam o litoral do estado do Espírito Santo. A pesquisa objetivou apresentar as etapas da concepção das panelas de barro, desde a extração da matéria-prima, preparo da massa, e demais fases da produção, equipamentos utilizados até a comercialização. Como respaldo metodológico a pesquisa foi realizada mediante abordagem exploratória e qualitativa *in loco*. O trabalho constou de visitas de campo e levantamento das atividades rotineiras. As circunstâncias e cenários foram observadas e assimiladas na forma como ocorrem, por meio de registros fotográficos e documental, mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, apresentando como característica essencial o enfoque descritivo. As artesãs de Goiabeiras são verdadeiras protagonistas e guardiões de um saber de várias gerações, no tocante a confecção artesanal das panelas de barro, herança da ancestralidade que repetem há séculos as mesmas técnicas de confecção, atividade reconhecida oficialmente como patrimônio imaterial brasileiro. As panelas de barro de Goiabeiras são importantes símbolos do estado do Espírito Santo, apreciados em várias partes do território nacional e internacional.

Palavras-chave: Argila, panela, artesanato, patrimônio imaterial.

Abstract: Guava artisans are legitimate representatives of the knowledge base of an artisanal tradition of making clay pots, a heritage of the ancestry of Indian people that inhabited the coast of the state of Espírito Santo. The research aimed to present the stages of the conception of clay pots, from the extraction of the raw material, preparation of the dough, and other phases of production, equipment used until commercialization. As methodological support, the research was carried out using an exploratory and qualitative approach on site. To this end, the work consisted of field visits and survey of routine activities, thus, the circumstances and scenarios were observed and assimilated as they occur, through photographic and documentary records, through direct and interactive contact between the researcher and the object situation. study, presenting the descriptive approach as an essential characteristic. The artisans of Goiabeiras are true protagonists and guardians of a knowledge of several generations, regarding the artisanal production of clay pots, it is a heritage of ancestry that has repeated the same manufacturing techniques for centuries, an activity officially recognized as Brazilian intangible heritage. Guava clay pots are important symbols of the state of Espírito Santo, appreciated in various parts of the national and international territory.

Keywords: Clay, pot, craftsmanship, intangible heritage.

1 INTRODUÇÃO

Dada a sua vasta extensão territorial o Brasil contempla diversas localidades que expressam manifestações histórico culturais em forma de artesanato, com o emprego de matérias-primas como o vidro, metais, tecidos, couro, madeira, papel, argila, entre outras categorias, comumente fruto da herança de técnicas e saberes de gerações anteriores, muitos destes bens tombados como patrimônio imaterial brasileiro. Nesse contexto, Dias (2006) destaca que o trabalho artesanal requer um profundo conhecimento da matéria que se manipula e o reconhecimento das particularidades de materiais da mesma natureza.

A plasticidade do material argiloso resulta da interação entre a força de atração das partículas de argilominerais e a ação lubrificante da água, que, ao imprimir movimentos, origina formas criadas pela imaginação (CHAGAS, 1997). Assim, o artesanato produz objetos com identidade e valor cultural, que identificam a região, ou reflete “traços” da originalidade do artesão que os produziu.

Podemos citar como exemplo as mulheres artesãs do Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais, que se destacam, sobretudo, com a confecção de esculturas e objetos ornamentais (ROSABONI, 2023); a arte das cerâmicas marajoaras da Ilha de

Marajó, no Pará (TOYOTA, 2009); a cerâmica popular de Conceição das Creoulas, em Salgueiro, em PE (ALVES et al., 1997) e peças utilitárias, decorativas e esculturas em argila também nas cidades pernambucanas de Caruaru, Tracunhahém e Goiana (SILVA, 2021).

No estado de Alagoas, há destaque para os artesanatos em barro nas cidades de União dos Palmares, na comunidade Muquém e no município de Capela, além de outras localidades no Brasil (SILVA, 2017; BRAGA, 2019; SILVA, 2021). Assim, são concebidos de forma rústica cheios de amor e dignidade, retratando histórias, memórias, visões e desejos. Todos ressaltando a beleza de manifestações culturais autóctones, de particularidade única, que fazem sucesso no Brasil e no exterior.

No estado do Espírito Santo, o ofício das Panelas de Goiabeiras, considerando sua importância histórica e dimensão imaterial do saber dos sujeitos envolvidos. Foi declarado, em 2002, patrimônio cultural do Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. O saber-fazer dessas artesãs constitui o valor intangível reconhecido por políticas públicas do estado brasileiro (DIAS, 2006).

Esse reconhecimento contribuiu com para o importante ícone da identidade cultural Espírito-santense, em que progressivamente as panelas têm se apropriado do significado cultural, econômico e político do seu produto para a cidade, o estado e o país.

A produção de panelas de barro de Goiabeiras é uma herança dos grupos indígenas de tradição cerâmica das culturas Aratu, Tupi-Guarani e Una, que povoavam o litoral do estado do Espírito Santo. Saber aprendido por colonizadores e descendentes de escravizados africanos que habitavam a margem do manguezal, na Baía de Vitória, utilizando argila extraída do Vale do Mulembá (TAUFNER e GARCIA, 2018).

No final da década de 1980 com o apoio da Prefeitura Municipal de Vitória, foi

fundada a Associação das Panelas de Goiabeiras – APG (DIAS, 2006), a qual atualmente possui pouco mais de 100 artesãs ligados à associação, caracterizado predominantemente como atividade associada ao gênero feminino. A associação tem sido o principal canal de negociação das panelas junto ao poder público e à iniciativa privada, na busca de apoio para a promoção de seus produtos.

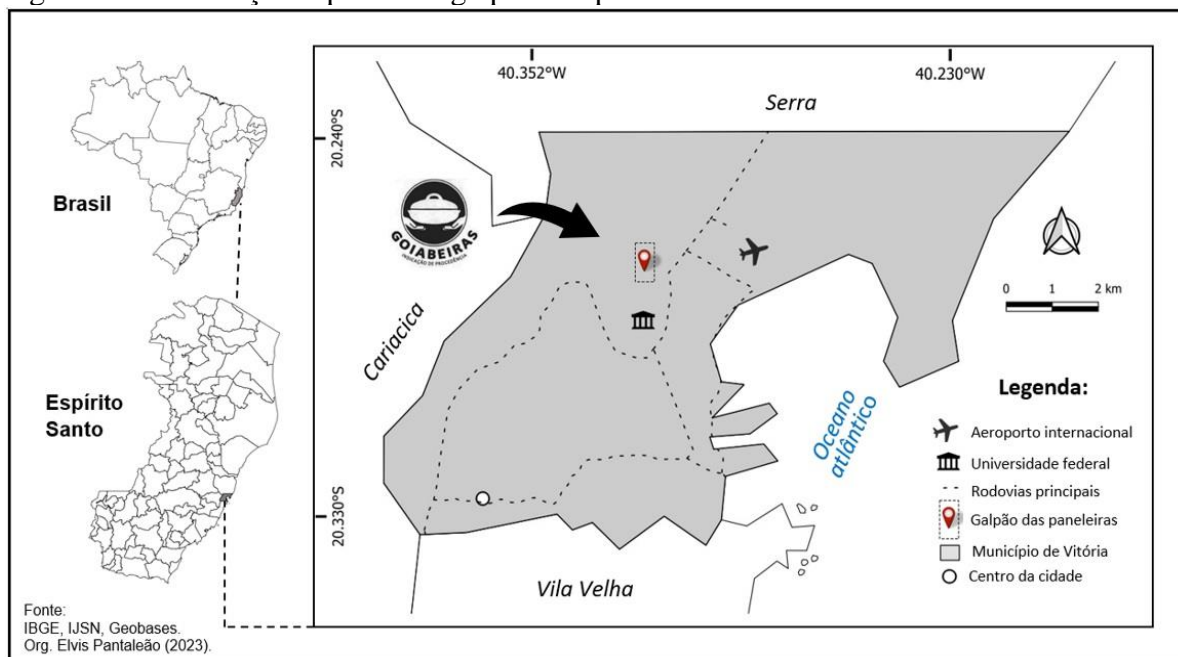
No princípio, a confecção das panelas e demais utilitários de barro como assadeiras, frigideiras, caldeirão, canecas, entre outros, eram feitas nos quintais das casas das panelas. A associação com o apoio da prefeitura municipal, e outros patrocinadores, propiciaram no início da década de 1990 a construção de um galpão, que atualmente reúne a produção de vários artesões deste segmento. Contudo, há produtos que também são comercializados, sob encomenda, na casa dos artesãos.

A pesquisa, objetivou apresentar o Ofício das panelas de Goiabeiras no estado do Espírito Santo, verdadeiras protagonistas e guardiãs de um saber de várias gerações, no tocante a confecção artesanal das panelas de barro, patrimônio imaterial brasileiro. Almejando assim, contribuir para futuros investimentos, e para o fortalecimento desta importante expressão cultural, valorizando identidades e potencializando o desenvolvimento econômico e social da região.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2023 a maio de 2024. O levantamento de dados se pautou no enfoque descritivo, de natureza qualitativa, seguido de registros fotográficos, mediante interação e interpretação da realidade, junto aos artesãos no galpão das panelas, local de confecção das panelas (Figura 1), com acesso principal pela avenida Fernando Ferrari, situado no bairro Goiabeiras, em Vitória, capital do estado do Espírito Santo.

Figura 1 - Localização espacial do galpão das paneleiras em Vitória – ES.



Fonte: Organização dos autores (2023).

O trabalho constou de visitas de campo para coleta de dados e levantamento das atividades rotineiras referentes a concepção das panelas de barro, desde a extração da matéria-prima, transporte, acondicionamento, preparo da massa, etapas da produção, elaboração da peça de barro, secagem, queima e a comercialização.

Para isso, as circunstâncias e cenários foram observados e assimilados da forma como ocorrem, através de registros fotográficos e documentais, de forma direta e interativa do pesquisador com cenário objeto de estudo, tendo como característica fundamental o enfoque descritivo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A matéria-prima, a argila utilizada para a fabricação dos utensílios, sobretudo panelas, é extraída no Vale do Mulembá, atual Parque Natural Municipal Vale do Mulembá – PNMVM. Atividade de extração da matéria-prima por grupos nativos ocorre há mais de 500 anos. Essa prática já era realizada antes da chegada dos europeus e dos africanos, essa prática

Paralelamente, foram coletados dados mediante entrevista semiestruturada, conforme recomendações de Chizzotti (2006) e Sá-Silva et al. (2009). A coleta de informações foi então coordenada por um percurso de informações prestabelecidas e conduzidas a partir de uma linguagem simples, mediante contexto amigável e estimulador, em que o pesquisador colocou-se em uma postura de ouvinte, permitindo aos entrevistados discorrerem livremente sobre o assunto visando aquisição de elementos detalhados, gerando informações ricas em relatos de suas experiências, posteriormente usadas na análise qualitativa.

ancestral conserva muitas características até hoje (APG, 2010).

O Parque Natural Municipal Vale do Mulembá (Figura 2A) está situado no bairro Joana D'arc, em Vitória, distante cerca de 5 Km do bairro de Goiabeiras. Em 2002, mediante o Decreto Municipal nº 11.505, o Parque se tornou Unidade de Conservação, com área estimada em 140 hectares que compreende fragmentos da mata Atlântica (SEGOV, 2020). O acesso

principal ao Parque ocorre pela Rodovia estadual Serafim Derenzi. Na Figura 2B

observamos um dos locais de extração do barro utilizado pelas paneleiras.

Figura 2 – Placa de acesso ao Parque Natural Municipal Vale do Mulembá, Vitória – ES.



Fonte: autores (2023).

A produção das panelas de barro em Goiabeiras, com sua característica cor preta, compreende inúmeras atividades, praticadas em várias etapas, entre elas, a extração do barro (material argiloso), o preparo da massa, a moldagem ou modelagem, secagem, alisamento, queima e o açoite. Geralmente o trabalho é dividido entre aqueles que extraem o barro, extraem o tanino (casqueiro), aqueles que homogeneízam o barro e aqueles que fazem as panelas, que podem ser os mesmos a realizar a queima. Essas etapas são de pleno domínio dos artesãos, que comumente envolve membros da família.

A primeira etapa da confecção das panelas é a extração do barro, conforme mencionado anteriormente, o processo ocorre de forma manual com uso de enxada, cerca de 40 cm abaixo do perfil do solo, em cavas que viram de 1,5 a 2 metros de profundidade (Figura 2B). A associação das paneleiras detém licença ambiental e mineral para extração da argila (IPHAN, 2006), a extração do barro é rezada por associados denominados tiradores de barro.

A experiência destes profissionais determina o local adequado para a extração do barro, após molda-lo e sentir a textura com as mãos. Em entrevista, a um destes profissionais, relata que no momento da extração do barro com a enxada, este é

homogeneizado, com os pés para ganhar consistência e formato de “bola” com cerca de 15 Kg (Figura 2B), formato em que a matéria-prima é transportado até o galpão das paneleiras, a extração é uma atividade maioritariamente masculina. Na época atual, há quatro trabalhadores dedicados a executar essa atividade.

Com o apoio da prefeitura municipal, o transporte da matéria-prima até o galpão das paneleiras ocorre com o uso de veículo de carroceria. Antigas paneleiras relatam que no passado essa matéria-prima era transportada por via aquática pelo mangue, através de canoas. Embarcação ainda presente, mas utilizada para outras finalidades pela comunidade.

Ainda conforme as paneleiras, no passado o mangue também já foi via de acesso para levar as panelas para serem comercializadas no mercado da Vila Rubin, centro de Vitória. Assim como do mangue também se retirava o sustento de muitas famílias, mediante coleta de ostras e caranguejos.

Atualmente o caminhão faz a logística do local de extração da matéria-prima, o “barreiro”, até o galpão das paneleiras, em que fica armazenado. O barro antes de ser destinado ao uso é colocado sobre uma lona para ser homogeneizado, artifício tradicionalmente

realizado com os pés em que “sapateiam” a massa até atingir consistência e umidade adequada a moldagem. Este é o momento em que são retiradas as impurezas presentes na massa argilosa (barro) como raízes, folhas, fragmentos de rochas e demais materiais orgânicos.

Em seguida, a fim de manter a umidade, este é envolvido com plástico e armazenado “descansando” antes da massa ser usada. Na Figura 3 (A, B e C) são apresentadas as etapas da extração do material argiloso e o preparo da massa.

Figura 3 - Extração e preparo da massa argilosa “barro”.



Fonte: autores (2023).

Quanto às técnicas de conformação das peças cerâmicas artesanais há diversos métodos de moldagem da massa conforme cada contexto da produção nativa. Temos como exemplo a conformação por acordelamento, *pinch pot*, por torno, em placa e ocagem. As duas últimas comumente são empregadas para a concepção de esculturas. O acordelamento consiste em fazer cordões em argila unindo um ao outro com leve pressão nos dedos. Conforme Alves et al. (1997) essa última técnica é utilizada por muitos artesãos e grupos indígenas para confecção de peças grandes como potes para armazenar água.

A técnica *pinch pot* consiste inicialmente moldar a argila em formato de bola, em seguida “abrindo” no formato que desejar a peça final; a moldagem por torno consiste em centrar a massa sobre uma plataforma que vira e desta forma com as mãos e demais instrumentos dando a forma desejada a peça a ser produzida, obtendo contornos e formas desejados.

No caso das paneleiras de Goiabeiras elas praticam uma técnica singular de conformação a partir de uma massa compacta. Com uma porção de barro (massa argilosa) sobre uma tábua ou prancha de madeira, inicia-se a abertura da massa cerâmica com o punho fechado no centro da massa, momento em que se define a geometria e o tamanho da peça. Esse método particular de conformação é semelhante à técnica usada pelos Tapirapés grupo indígena brasileiro que habita as áreas do nordeste do estado do Mato Grosso, e o Parque do Araguaia, no estado do Tocantins, conforme relatado em pesquisa publicada por Lima (1987) *apud* Dias (2006).

O processo de moldagem se faz com a habilidade das mãos, dedos, e com uso da “cuia”. A cuia é um fruto da *Crescentia cujete* L. espécie de vegetal pertencente à família Bignoniaceae, árvore perene entre 4 e 6 metros de altura, com copa esparramada, com fruto globoso, com até 25 cm de diâmetro, denominado de

cuia e ou cabaça, a seguir é na (Figura 4) é apresentado um exemplar deste vegetal. O fruto quando seco é aberto e fragmentos são utilizados como instrumento pelos artesãos, para moldar e dar forma a panela. O tamanho da cuia a ser utilizada depende do diâmetro da peça a ser produzida.

Figura 4 – Exemplar de coité com frutos.



Fonte: autores (2024).

Portanto, cuia é um instrumento artesanal em forma de arco, confeccionado a partir do fruto da árvore, kuya e'tê (cuité) termo tupi, e assim com as mãos, dedos e o emprego da cuia, vão abrindo e puxando a massa de argila “puxar a panela”, em movimento circulares e ascendentes. Assim, o barro vai ganhando forma e definindo sua espessura da peça a ser concebida. Durante esta etapa ocorre a retirada de bolhas de ar presente na massa que ocasionam defeitos, trincas e quebra das peças quando queimadas.

Nesta etapa também além da cuia se faz uso de outros artefatos de produção artesanal, na (Figura 5A) é mostrado exemplos destes artefatos utilizados *in loco* pelos artesãos para dar forma ao barro, sendo cada um com sua finalidade a saber: 1 e 4 espátulas em aço, 2 – couro, 3 – seixos rolados “pedra de rio”, 5 – cuia, 6 – espátula em plástico. Na (Figura 5B) é demonstrado a “abertura” do barro com uso da cuia. Como última etapa, é adicionado as “orelhas” alças presas as bordas.

Figura 5 – (A): artefatos utilizados; (B): moldagem com uso da cuia.



Fonte: autores (2023). 1 e 4 espátulas em aço, 2 – couro, 3 – seixos rolados, 5 – cuia, 6 – espátula em plástico.

A moldagem para concepção da peça, se faz em diferentes momentos de umidade do barro. No primeiro momento tem-se o processo de conformação como explicado anteriormente, em seguida, inicia-se o processo de alisamento com o

uso de “pedaço de couro”, momento denominado por alguns artesãos como “ponto de couro”, instante em que, a peça é alisada retificando irregularidades, e desta forma proporcionando maior perfeição no acabamento, além de auxiliar no fechando

da porosidade, este momento é observado na Figura 6 letra (A) – couro utilizado no alisamento; (B) peça sobre tábua na etapa de alisamento. Esta etapa é finalizada após

fazer o alisamento da borda “beicho” da panela. Ressalta-se que o grau de umidade ideal para realizar este procedimento é determinado pela experiência do artesão.

Figura 6 – (A): couro; (B): acabamento com uso de couro.



Fonte: autores (2023).

Terminado esse procedimento é então colocada as alças “orelhas” na panela, não existe um padrão, cada artesão idealiza seu tamanho, forma e jeito, sendo esta uma das características da identificação pessoal de cada artesão do grupo, o que faz com que reconheçam sua peça em meio a outras. Em seguida, a peça é colocada para secar ao ar ou ao sol, comumente exposta em bancadas, para perder umidade por 2 a 3 dias a depender da umidade do ar. Caso a artesã não poder dar continuidade ao processo, a peça é coberta com plástico visando retardar a etapa de secagem.

Após certa perda de umidade a peça é então retirada da tábua, colocada de cabeça para baixo “virar a panela” para então com o auxílio de algum metal, como por exemplo uma faca ou espátula, fazer a raspagem mediante ação contínua e ágil das mãos, para retirada de excesso de barro do fundo da panela e “pedrinhas”. Antigamente, era usado haste de bambu, para este procedimento. Em seguida com auxílio de água inicia-se o processo de

alisamento com uso de metal para fechar a porosidade da parte externa da peça.

O processo de alisamento final ocorre com uso de seixos rolados, denominado pelos artesãos de “pedra de rio”. O procedimento se faz friccionando (atrindo) a pedra diretamente na peça, na parte interna e externa por várias vezes em movimentos curtos e ágeis, até deixar a peça com aspecto liso e apresentando certo brilho. Essa etapa é geralmente realizada por membros do mesmo núcleo familiar.

A finalidade desde momento é também auxiliar o fechamento da porosidade e melhor acabamento de peça. Na (Figura 7 A) é demonstrado a etapa de alisamento da peça; (B) exemplos de seixos rolados usados nesta etapa. Procedimento semelhante também é descrito em pesquisa publicada por Alves et al. (1997) ao relatar produção de cerâmica popular por grupo de artesãs oriundas da cultura indígena na cidade de Salgueiro em Pernambuco.

Figura 7 – (A): alisamento; (B): exemplos de seixos rolado utilizado.



Fonte: autores (2023).

Por fim, a última etapa é a queima e o açoitamento. Após nova perda de umidade as peças estão prontas para a queima, a qual ocorre em fogueira ao ar livre, técnica notadamente indígena (IPHAN, 2006; DIAS, 2006). As panelas então são colocadas umas ao lado da outra de “boca para baixo” ou de lado sobre madeiras “cama”, e cobertas com mais madeira, de modo a envolver as peças, e então ficam no fogo por cerca de 30 40 minutos, porém evitam momentos de ventos fortes por não permitir uma queima regular. Ressalta-se o momento certo de retirada da queima não é comum ser decidido pelo tempo, mas, pela mudança de cor da panela.

Antes da etapa que queima caso, o artesão avaliar que algumas panelas estejam com certa umidade, então dispõe estas ao redor da fogueira para perder umidade e em seguida proceder a queima. Conforme registrado *in loco* a lenha destinada a queima vem do descarte de obras da construção civil e demais descartes do bairro e da cidade.

Após a queima cada peça vai sendo retirada uma a uma da fogueira com auxílio de uma vara, momento que exige força e certa habilidade, e cuidados para

evitar que a peça caia no chão e quebre e ou possíveis queimaduras. Assim, imediatamente, ela vai sendo tingida com tintura de tanino, momento denominado por eles como fase da impermeabilização. A técnica consiste em aplicar “açoiar” as peças com solução de tanino mediante uso de vassoura confeccionada da vegetação local. O uso de tanino, além de conferir a cor escura as panelas, contribui para a impermeabilização.

Ao sair da fogueira caso a peça apresente alguma fratura, trinca pequena no mesmo instante é aplicado barro na parte danificada, procedimento que pode recuperar a peça. Quando ocorre fraturas maiores, então a peça é descartada.

Na (Figura 8 A) é demonstrado vista parcial da etapa de queima das peças; (B) momento de aplicação “açoiar” da solução de tanino na peça. O açoitamento da solução de tanino é feito com a peça quente imediatamente ao sair da fogueira, a alta temperatura promove rápida assimilação do líquido que seca quase no mesmo instante. Nesse momento há redução do oxigênio, ocorrendo a carbonização da peça exibindo a cor escura.

Figura 08 – (A): queima em fogueira; (B) aplicação do tanino.



Fonte: autores (2024).

Conforme a experiência dos artesãos pelo som da peça queimada eles atribuem a qualidade da peça. Caso apresente ao bater um som “choco” significa peça com alguma trinca, peça defeituosa. Som “tinindo”, semelhante com som de sino, significa peça sem defeito, bem queimada, de boa qualidade. A tintura de tanino corre mediante o uso da casca do mangue vermelho (*Rhizophora mangle*), que é coletada diretamente do manguezal presente na localidade de Goiabeiras.

A extração da casca ocorre por trabalhadores denominado de casqueiros, os quais retiram o tecido externo do corpo do vegetal por meio de golpes de porrete de madeira na árvore. Após a extração lascas da casca são então fragmentadas em pequenos tamanhos de colocadas de “molho” em água doce para “curtir” e liberação da “tinta”, em cerca de 3 dias está pronto para o uso. A extração da casca é manejada de forma sustentável. A coleta se limita a retirada de uma parcela do anel da casca, de modo a permitir a recomposição da espécie conforme a orientação de órgãos ambientais competentes.

Por fim, para deixar a peça apta para receber alimento é a “cura” ou “batismo” da panela, antes de ser usada pela primeira vez. Essa etapa realizada pelo comprador e tem por finalidade impermeabilizar o interior da panela, tornando-a de fácil limpeza e higienização. Uma das formas descrita pelos artesãos consiste em inicialmente lavar bem a panela, em seguida untar a parte interna com óleo de soja, azeite de oliva ou banha de porco, e leva-la ao fogo deixando secar todo óleo. Em seguida, após a panela esfriar, lava-se novamente e a peça está pronta para a utilização na culinária.

As panelas e demais artefatos tradicionais de barro de Goiabeiras são comercializados no galpão localizado no mesmo bairro, embora também possam ser encontradas em supermercados e lojas de conveniência. O galpão foi concebido pela prefeitura municipal no final de década de 1980 e posteriormente ampliado e reformado em 1991 para acomodar um maior número de paneleiras.

A edificação (Figura 9) está localizada no mesmo bairro as margens do manguezal e foi projetado para acomodar a matéria-prima (barro) e espaços para

confeção e comercialização, sendo possível assistir à elaboração das peças pelos artesãos. Na parte externa é possível acompanhar a etapa de queima. O acesso ao galpão de comercialização ocorre pela

Avenida Fernando Ferrari, Goiabeiras, nas proximidades da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e do Aeroporto Internacional de Vitória Eurico de Aguiar Salles.

Figura 09 – Vista parcial interna do galpão de comercialização, Vitória – ES.



Fonte: autores (2024).

Estima-se que são produzidas e comercializadas no galpão mais de 35 mil panelas de barro por ano. A venda ultrapassa as fronteiras do Espírito Santo, englobando a comercialização desde a iniciativa privada como restaurantes, hotéis, supermercados, e pessoas físicas, turistas de diversos estados brasileiros e do mundo inteiro. Os artigos comercializados comumente são destinados ao uso na culinária, no estado do Espírito Santo especificamente, as panelas de barro de Goiabeiras são destinadas, sobretudo, para o preparo da famosa moqueca capixaba, um ícone da identidade cultural regional.

Essa atividade cultural obteve em 2010 seu regulamento de produção e uso da indicação de procedência (APG, 2010), que as atestam garantia de origem e legitimidade. Importante iniciativa que reconhece produtos ou serviços que incorporam características natas pertinentes ao território ao qual estão inseridas, e, assim, incentivar e fomentar o desenvolvimento territorial. Essa iniciativa foi complementada pela criação do Selo de

identidade das panelas de Goiabeiras, diferenciando dos produtos não originais, produzidas por outra técnica, mas que se assemelham. O Selo foi também uma importante estratégia para agregar valor aos produtos.

O trabalho artesanal das panelas sempre garantiu a sobrevivência econômica de suas famílias, como também suas tradições que são preservadas na região de Goiabeiras, desde tempos imemoriais um local de confeção das panelas de barro. A atividade tem recebido suporte do Sebrae para o desenvolvimento de embalagens para as panelas e acompanhamento do Iphan, para o apoio e o fomento a ações relacionadas à instrumentalização das panelas, assim como à implementação das condições necessárias à sustentabilidade da sua produção.

Por fim, é oportuno comentar que embora os produtos (panelas, frigideiras, assadeiras, caldeirão, e demais variantes) tradicionalmente sejam denominados de panelas de “barro”, são na verdade, após a

etapa de queima um produto cerâmico, caracterizado como aquele cuja massa argilosa é submetida a desidratação química e demais transformações físico-químicas irreversíveis, quando submetido a

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A confecção das panelas de barro dos artesãos de Goiabeiras é uma herança da ancestralidade indígena do litoral do Espírito Santo. Mesmo com o passar dos anos a técnica e tradição de confecção pouco mudou e as artesãs repetem há séculos e transferem de geração a geração as técnicas de confecção “feita a mão”, produzindo panelas como dizem elas: “*sem torno nem forno*”.

Como em qualquer outra arte produzida de forma artesanal, nenhuma panela ou item produzido é igual a outro, uma vez que, a conformação é “esculpida” a mão sem uso de molde industrial. Logo, a produção de cada item é única, a qual pode ser semelhante, mas dificilmente igual a outro, mesmo que produzido pelo próprio artesão. Refletindo, portanto, sua beleza singular, cheio de amor e dignidade. O saber-fazer das paneleiras permanece como representante do patrimônio imaterial brasileiro, com características únicas e valor singular de cada peça reconhecido no Brasil e no exterior.

AGRADECIMENTOS

A todas as artesãs paneleiras pela atenção, espontaneidade e disposição na transmissão dos nobres conhecimentos, muito mais que informações – verdadeiras arquivos vivos. Gratos por contribuírem para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, C., BORGES, L. E. P., VILLAROEL L., H.S.; VANDERLEI, K. Análise experimental da cerâmica popular de Conceição das Creoulas, Salgueiro, PE.

altas temperaturas a partir de 600°C. Os produtos são de barro durante a produção, contudo, adotou-se neste trabalho a mesma denominação local “barro” carinhosamente e historicamente atribuída aos produtos.

Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo – SP. Suplemento 2: p. 103-115, 1997.

APG – Associação das Paneleiras de Goiabeira. **Regulamento do uso do nome geográfico, de produção, da produção e rastreabilidade das paneleiras de barro de Goiabeiras.** Goiabeiras, Vitória/ES.v. 1, p. 143, 2010.

BRAGA Jr, XAVIER, A. **Entre o barro e a mão: técnicas e processos criativos no artesanato de barro em Capela - AL.** 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, p. 213, 2019.

CHAGAS, A. P. **Argilas: essências da Terra.** Moderna: São Paulo, p. 193, 1997.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, Vozes, v. 1, p. 145, 2006.

DIAS, C. **Panela de Barro Preta. A tradição das paneleiras de Goiabeiras.** Vitória – ES. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, v. 1, p. 147, 2006.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício das paneleiras de Goiabeiras.** Livro de registro dos saberes. Disponível em << <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paneleiras%20de%20Goiabeiras.pdf>>> Acesso em 13 de maio de 2023.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício das Paneleiras de Goiabeiras.** – Brasília, DF: Iphan, (Dossiê Iphan; 3), p.70, 2006.

ROSABONI, C. **Mulheres artesãs de Minas Gerais são exemplo de**

empoderamento e empreendedorismo. Jornal da USP. ISSN - 2525-6009. Disponível em <<https://jornal.usp.br/diversidade/mulheres-artesas-de-minas-gerais-sao-exemplo-de-empoderamento-e-empendedorismo/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais.** v. 1, n 1, p. 145, 2009.

SEGOV – Secretaria de Governo e Comunicação - Prefeitura de Vitória. SEGOV/SUB-COM. **Parque Vale do Mulembá.** Disponível em <<<https://www.vitoria.es.gov.br/segov>>>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

SILVA, M. M. S. **Uso de lenha para a produção artesanal de cerâmica no município de União dos Palmares, Alagoas.** 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Energia da Biomassa) – Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação Profissional

em Energia da Biomassa, Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, 2017.

SILVA, R. R. B. **Tracunhaém: gerando valor de marca a partir do Design.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021.

TAUFNER, F.; GARCIA, M. **Turismo Vitória.** Vila Velha/ES: Editora Cidadania, p. 40, 2018.

TOYOTA, R. G. **Caracterização química da cerâmica Marajoara.** Dissertação de Mestrado – Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, IPEN-CNEN/SP, p. 145, 2009.

INGOLD, T.; KURTTILA, T. **Percebendo o ambiente na Lapônia finlandesa.** Tradução. Revista de Antropologia, v. 19, n 1, 2018.

BELIK, D.; PANTOJA, M. C. **Tradição e conhecimento, ou a vida ao ar livre – apresentação à tradução.** Revista de Antropologia; v. 19, n. 1, 2018.